



NARRATIVAS ORAIS NA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ASSIS - SP: uma experimentação de história pública a partir da memória de idosos

ORAL NARRATIVES AT THE TRAIN STATION OF ASSIS-SP: an experimentation of public history from the elderly people memory

Caio Márcio Fernandes de Campos⁵
Lívia Moraes Garcia Lima⁶

Resumo:

A presente pesquisa de iniciação científica consiste em investigar a partir da narrativa, a memória social de idosos, antigos moradores e ex-funcionários das redondezas da estação ferroviária e do decorrer da linha férrea na cidade de Assis - SP, entendendo as mudanças temporais ocorridas nesse espaço. Esse trabalho está vinculado ao Projeto "Memória Ferroviária" (UNESP, financiamento FAPESP) coordenado pelo professor Dr. Eduardo Romero de Oliveira. O recorte aqui utilizado trata-se do evento "Dias da Memória", organizado pelo grupo de pesquisa em questão, que resultou na exposição "Memória Histórica de Assis", trazendo à tona reflexões sobre a construção do saber histórico a partir de um diálogo entre a Academia e as comunidades, produzindo uma história pública e democrática.

Palavras-chave: História Oral; memória urbana; narrativas; envelhecimento; ferrovia.

Abstract:

This scientific initiation research aims to investigate, through narrative, the social memory of elderly individuals, former residents, and ex-employees living near the train station and along the railway in the city of Assis, São Paulo, focusing on the temporal changes that have taken place in this space. This work is part of the "Railway Memory" Project (UNESP, FAPESP funding), coordinated by Professor Dr. Eduardo Romero de Oliveira. The specific focus of this study is on the event "Days of Memory," organized by the research group, which led to the "Historical Memory of Assis" exhibition. This exhibition sparked reflections on the construction of historical knowledge through a dialogue between academia and communities, fostering a public and democratic history.

Keywords: Oral History; urban memory; narratives; aging; railroad.

⁵ Graduando em História; Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP/ FCLA); membro do grupo "Memória Ferroviária; endereço do currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6436606462204135>; financiamento CNPq; e-mail: cm.campos@unesp.br.

⁶ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP). É professora da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Membro do grupo "Memória Ferroviária"; endereço do currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0770868279222613>. E-mail: livia.m.lima@unesp.br.

Introdução

A memória revela-se como ponto de culminância das narrativas, uma vez que ela fala sobre os aspectos que se escolhe lembrar e aqueles que são esquecidos e como as pessoas interpretam, afetam e são afetadas pelos relatos e vivências que escolhem lembrar. É necessário destacar a importância das relações desenvolvidas em espaços urbanos, como a ferrovia, enquanto palco e base da memória, pois são nesses espaços que a vida é vivida gerando as lembranças, que serão o fio condutor para a lapidação da memória. Sobre essa temática, destacam autores como Moreira (1989) e Mota (2013) que concordam ao afirmar que a memória ferroviária além de falar sobre a alteração da paisagem urbana, também revela como as relações sociais se organizavam, partindo da premissa que o trabalho e a convivência nesses espaços contribuíram no desenvolvimento da vida e da cosmovisão dos sujeitos que ali estavam inseridos. Outro conceito importante a se destacar para o presente projeto, é o de memória urbana que diz respeito ao estoque de lembranças materializadas na paisagem e em fontes documentais que estão alinhadas às memórias individuais e coletivas de grupos sociais que produzem a cidade (Abreu, 2012).

Um exemplo de lugar de memória urbana são as estações ferroviárias e as linhas férreas, presentes em diversas localidades do estado de São Paulo. Esses espaços foram o principal meio de locomoção de passageiros e de carga durante décadas. Por tratar-se de estruturas econômicas e de relações sociais, diversas cidades no interior do estado desenvolveram-se ao redor das ferrovias. Uma delas é Assis, localizada no Oeste Paulista. A cidade em questão possuiu, por algumas décadas, uma estação de locomotivas e uma malha férrea que se estende por dentro da área urbana do município.

Ao falar de antigos funcionários e de moradores da região da ferrovia de Assis, selecionados como sujeitos de pesquisa, estamos falando de um grupo de indivíduos que são, constantemente, negligenciados e excluídos por terem sido afetados drasticamente pelo tempo: as pessoas idosas. É possível, através das

memórias dos velhos rememorar e reviver processos importantes para o desenvolvimento urbano da cidade e delimitar como as vivências passadas moldaram o presente e formaram as identidades culturais. Bobbio (1997) enuncia que o tempo do velho é o passado e o passado é revivido na memória; revelando-se assim um tesouro que espera para ser trazido à superfície e, assim, revelar suas múltiplas reflexões sobre as pessoas, os acontecimentos e sobre os caminhos que os guiaram até aqui. Nota-se que, olhando para o exemplo da ferrovia de Assis, a memória dos velhos da região pode permitir às gerações presentes e futuras abraçarem e compreenderem de onde seus hábitos e modos de vida provém. A função do velho é lembrar e aconselhar – memini moneo – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir (Bosi, 1987, p. 18).

A apresentação que originou o presente texto busca apresentar o projeto de iniciação científica desenvolvido pelos autores do texto; intitulado: “Nos trilhos da memória: narrativas de idosos e a ferrovia de Assis”, consistindo em investigar a partir da narrativa, a memória social de idosos, antigos moradores e ex-funcionários das redondezas da estação ferroviária e do decorrer da linha férrea na cidade de Assis - SP, entendendo as mudanças temporais ocorridas nesse espaço. As entrevistas estão sendo realizadas a partir de uma rede de contatos estabelecida com ex-funcionários e antigos moradores da região ferroviária do município e conduzidas a partir de um roteiro previamente preparado a partir das seguintes temáticas: saúde, vida familiar, transformações do espaço em que vivem, trabalho, vida privada, entre outros desafios no cotidiano desses sujeitos.

Além disso, pensando as possibilidades de difusão/ampliação do conhecimento histórico, o presente trabalho faz parte do projeto “Memória Ferroviária”⁷, coordenado pelo professor Dr. Eduardo Romero (UNESP – Assis), que reúne pesquisadores dedicados a tópicos da dimensão de operação ferroviária no estado de São Paulo para experimentar novas metodologias de registro (de

⁷ Vide grupo de pesquisa Memória Ferroviária. Disponível no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8406139181018644>.



cultura material ou documental), diretrizes de preservação e instrumentos de ativação sobre o patrimônio industrial, a partir de perspectivas teórico-metodológicas multi e interdisciplinares. Recentemente, o projeto promoveu o evento denominado “Dias da Memória”, onde foram entrevistados moradores idosos da cidade de Assis e o resultado foi publicizado a partir da construção da exposição “Memória Histórica de Assis” na antiga estação ferroviária do município, onde atualmente funciona a Secretaria de Cultura. A exposição traz a possibilidade de pensarmos a produção da História Oral sob a perspectiva da história pública, colocando esses sujeitos idosos como participantes e protagonistas da história local, visando avançar na discussão sobre envelhecimento populacional e sua relação com a preservação da memória, o uso da metodologia da história oral e da escuta sensível e seus contributos em espaços ferroviários e, por fim, a relação entre história oral e a diversidade de públicos da história, construindo assim, uma ponte de comunicação com a recepção social do trabalho acadêmico.

Um projeto feito à muitas mãos

Como já exposto, o recorte utilizado no presente artigo será tanto o projeto de iniciação científica dos autores desse texto quanto o evento “Dias da Memória” e, por consequência, a exposição “Memória Histórica de Assis”. Sobre esse último, por tratar-se de trabalhos coletivos, tornar-se válido expor os diversos sujeitos envolvidos na construção das entrevistas e da exposição.

Além do projeto de iniciação científica já citado, outros discentes (nesse caso sob orientação do professor Dr. Eduardo Romero de Oliveira) também contribuíram com as pesquisas que compõem o projeto Memória Ferroviária e que também trabalham com questões relacionadas ao patrimônio ferroviário do interior paulista, utilizando da História Oral como metodologia de construção de conhecimento e diálogo entre diferentes agentes. Além desses pesquisadores, todo o grupo de pesquisa mobilizou-se e trabalhou para a realização do evento e



exposição, desde questões burocráticas até a elaboração da arte utilizada nos painéis da exposição. Essas atividades também contaram com o apoio de discentes do primeiro ano História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), que naquele período eram discentes do professor Eduardo na disciplina “Introdução aos estudos históricos”, portanto, eles foram os responsáveis pelas transcrições das entrevistas e organização das biografias e apresentação dos entrevistados. Por fim, contamos também com a presença do grupo “Memória para todos” da Universidade Nova de Lisboa, através da vinda da professora Dra. Maria Fernanda Rollo e da doutoranda Inês José.

O evento “Dias da Memória” ocorreu entre os dias 19 à 22 de março de 2024, na antiga estação ferroviária de Assis-SP (que comporta atualmente a secretaria municipal do município). Nesse evento foram realizadas 12 entrevistas com moradores da cidade de Assis-SP, sobretudo idosos, com o intuito de coletar memórias narradas desses sujeitos sobre a cidade e não somente, mas também sobre suas próprias experiências e vivências nesse espaço ao longo dos anos. O quadro de entrevistados foi heterogêneo no que tange profissões e classes sociais. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, sendo transcritas e organizadas posteriormente. Com o material coletado, foi organizado a exposição “Memória Histórica de Assis”, contando com 21 painéis que registraram um panorama histórico do município, passando por questões relacionadas à ferrovia e às atividades culturais da cidade, finalizando com os relatos de alguns entrevistados, nesse caso, aqueles ligados às atividades de cultura em Assis- SP.

Nos trilhos da memória: narrativas de idosos e a ferrovia de Assis-SP

Assim como foi descrito, diversos projetos de iniciação científica se envolveram nesse evento e nos seus desdobramentos, por isso, no presente texto traremos a perspectiva da pesquisa que vem sendo elaborada pelos autores dessa apresentação, uma vez que, as entrevistas realizadas nos dias da memória foram realizadas com a população idosa de Assis-SP e, o projeto que vem sido

desenvolvido objetiva-se em investigar, a partir da narrativa, a memória social de idosos, antigos moradores e ex-funcionários das redondezas da estação ferroviária de Assis, entendendo as mudanças temporais ocorridas nesse espaço. Seus objetivos específicos ligam-se em coletar oralidades de pessoas idosas nas redondezas da estação ferroviária do município, a partir da abordagem de temas como: saúde, vida familiar, transformações do espaço em que vivem, trabalho, vida privada, entre outros desafios no cotidiano desses sujeitos; constituir documentação baseada em história oral, composta por um mínimo de cinco entrevistas e analisar os depoimentos orais a partir dos fundamentos teóricos gerais inicialmente estudados.

O primeiro pilar desse projeto é o conceito de memória urbana que se caracteriza por ser o acúmulo das lembranças dos sujeitos envolvidos na produção da cidade (lembranças essas que podem ser coletivas ou individuais). Sobre isso, Fernandes, Barros, Lima (2022), ao falarem das cidades como palco de narrativas e reflexões, afirmam que essas localidades, cada vez mais, são espaços de desenvolvimento de atividades e trabalhos que moldam a identidade e transformam os ideais dos sujeitos envolvidos nesses espaços. Para as autoras, “narrar a cidade”, é apostar em determinadas histórias, memórias, sentidos e sujeitos. Isso possibilita a ampliação de vozes e preservação de vivências de indivíduos que fazem acontecer os processos sociais, ideológicos, comerciais, religiosos e econômicos dessas localidades. Nora (1993) afirma que os lugares de memória se destacam por fundamentarem-se em ser marcas de reconhecimento e pertencimento de grupos numa sociedade na qual somente procura reconhecer indivíduos semelhantes e idênticos. Portanto, tais locais são a materialização do fluxo da consciência que foi apreendido pelos indivíduos a fim de preservarem em si as lembranças dos processos que dirigiram suas vidas até aqui. “Os lugares de memória constituem um fato de estabilidade capazes de referendar o que é familiar, conferindo um sentido de pertencimento e completude. Isto é, a



memória é a base para a construção de identidade do indivíduo, dos grupos sociais e da nação” (Senra, 2020, p. 2).

Outro conceito importante é o de envelhecimento que segundo Domingues (2014), generalizações sobre o envelhecimento trazem um comprometimento ímpar para o conhecimento das diversas experiências de velhice e apaga a individualidade dos idosos, colocando-nos num lugar único e igualitários; como se o envelhecer homogeneizasse a vida. Concordando com isso, Bosi (1987), traz que a sociedade diz respeitar idosos, mas tenta excluí-los de uma posição ativa e busca colocá-los como passivos do hoje, como se seu tempo já tivesse passado. Entretanto, é na velhice que a experiência se torna plena. Além disso, o idoso passa a ser um sujeito que não está mais ausente do conjunto dos discursos produzidos, em especial nos debates sobre políticas públicas, em momentos eleitorais e até mesmo na definição de novos mercados de consumo (Farah, 2000; Debert, 1999). Para Barroso (2021), o idoso precisa ser considerado um narrador, uma vez que ele é alguém que experenciou e, ainda hoje, experiencia as transformações e permanências ocorridas através do tempo nas relações entre pessoas e o mundo que as cerca. Para o autor, a memória dos velhos funciona como testemunha da história, uma vez que se revelam uma fonte inesgotável de experiências, construídas sobre contradições e rupturas que constituem o prisma da história, para assim deixar à tona os vestígios do passado. Logo, é necessário perceber que a população idosa de Assis são os grandes detentores da memória que contribui para o desenvolvimento da cultura e identidade local. Eles, mais do que ninguém, expericiaram de perto as transformações da cidade no decorrer do tempo a partir do desenvolvimento das atividades férreas.

O terceiro elemento fundamental para a pesquisa é o de ferrovia, como já destacado. O crescimento de Assis se deu pela ferrovia - tanto que a estação está localizada na principal avenida da cidade, a Rui Barbosa, repleta de comércios - uma vez que diversas atividades econômicas e de comércio eram desenvolvidas na região da estação e boa parte da população do município, até o início da

década de 1920, era formada por cidadãos rurais. A estação destacou-se como meio de compra e trocas sociais para esses sujeitos que viviam isolados de centros urbanos (Fiorin; Pereira, 2015). É possível perceber que a ferrovia constitui um elemento importante para a cidade de Assis; logo há a possibilidade de perguntar como esses espaços podem ter contribuído para a construção identitária dos sujeitos envolvidos nesses espaços. Portanto, a ferrovia em Assis e as localidades pertencentes a essas atividades constituem-se lugares de memórias importantes para os moradores das redondezas da linha férrea e para os antigos funcionários da empresa responsável pela ferrovia, uma vez que foi essa classe trabalhadora que possibilitou a realização e o funcionamento dos espaços citados. Sem eles, os lugares hoje considerados de memória) não possuiriam valor.

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo participante e descritiva e analítica quanto aos seus objetivos. Se dará a partir de levantamento bibliográfico e realização de entrevistas temáticas de história oral, gravação em áudio e transcrição, acompanhada pelo diário de campo. No tocante à metodologia central empregada na presente pesquisa, Barroso (2021, p. 15) apresenta a História Oral como uma metodologia que amplia as possibilidades da escrita científica, porque se move nas rugosidades do discurso que se refazem como imaginários nos fluxos de memória e definem identidades. Para Portelli (2016) as fontes orais são usadas como eixo de um tipo de trabalho histórico diferente dos tradicionais, nos quais ligam-se a memória, narrativa, a subjetividade e principalmente o diálogo; moldando a própria agenda do historiador.

Em relação ao uso do caderno de campo, Magnani (1997) disserta sobre sua importância afirmando que para além de uma função catártica, o caderno de campo pode ser pensado também como um dos instrumentos de pesquisa. Ao registrar, na linha dos relatos de viagem, o particular contexto em que os dados foram obtidos, permite captar uma informação que os documentos, as entrevistas, os dados censitários, a descrição de rituais, - obtidos por meio do gravador, da



máquina fotográfica, da filmadora, das transcrições - não transmitem. (MAGNANI, 1997. p.10).

Estão sendo realizadas entrevistas utilizando a modalidade da entrevista temática, na qual, segundo Santhiago e Magalhães (2015), o pesquisador explora, junto ao narrador, questões orientadas por um tema, buscando informações precisas, bem localizadas e pontuais. Cada entrevista trará construções dialógicas (entrevistadores/entrevistados), privilegiando o relato de experiências individuais que tenham adquirido relevância coletiva, a partir de temas como: saúde, vida familiar, transformações do espaço em que vivem, trabalho, vida privada, entre outros desafios no cotidiano desses sujeitos.

As entrevistas estão sendo gravadas, transcritas e arquivadas. A análise das narrativas será feita em diálogo com reflexões teóricas e conceituais sobre velhice e história ferroviária, visando avançar na discussão sobre envelhecimento populacional e sua relação com a preservação da memória, conhecer em detalhe a realidade do cotidiano dos idosos e discernir o uso da metodologia da história oral e seus contributos em espaços ferroviários.

Os resultados da pesquisa serão amplamente divulgados no seio da população pesquisada e na sociedade mais ampla, através de palestras, participação em reuniões científicas e em constantes contatos e trocas com o CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa "Profa. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa"⁸) e o Grupo de Pesquisa “Memória Ferroviária” (cadastrado pelo CNPq⁹). O projeto ainda está em fase de desenvolvimento, portanto não apresenta conclusões.

⁸ O Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Profa. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa (Cedap – UNESP / Campus de Assis) é uma Unidade Auxiliar criada pela Resolução Unesp 59, de 22/11/96. Sua origem, no entanto, remonta a 1973, quando foi criado, por iniciativa do Departamento de História, um espaço com o objetivo de propiciar as condições necessárias de pesquisa ao curso. Em 1996, mediante a referida Resolução Unesp, tornou-se oficialmente Unidade Auxiliar, recebendo a denominação que vigora até hoje.

⁹ Acesso ao site <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8406139181018644>.

Memória Histórica de Assis, um experimento de História Pública

O presente texto comprehende a realização do evento “Dias da Memória”, já descrito e detalhado anteriormente. Também já foi exposto que o resultado desse evento foi uma exposição pública de painéis que contam a história da cidade de Assis-SP, trazendo elementos documentais, mas também priorizando relatos de sujeitos envolvidos nesse espaço.

Nessa seção, apresentaremos as imagens de alguns painéis dessa exposição a fim de elucidar o que foi descrito até então. O título desse trabalho é “Memória Histórica de Assis” e conta com 21 painéis divididos em dois temas: trabalho e cultura. Cada tema é identificado por uma cor à esquerda do painel (amarelo para cultura e azul para trabalho). Esses painéis exploram tanto acontecimentos e documentos sobre a história de Assis, quanto apresentam os entrevistados do evento. Priorizamos aqui apresentar todos os painéis que contam as histórias dos entrevistados, mas selecionamos apenas alguns daqueles que contam a história e traçam os elementos culturais da cidade, dada a limitação de espaço para escrita desse texto.

Vale ressaltar que, nomeamos esse projeto de “experimento de história pública”, pois segundo Rovai (2020), a História Pública trata-se de “um movimento reflexivo permanente para compreender, colocar em discussão e reconstruir narrativas acerca do passado - e também do presente - e ações na arena pública, estas sempre entendidas em disputa e em relações de tensão e interesse” (p. 11). Além disso, vale ressaltar a relação entre História Pública e História Oral como:

uma possibilidade de conciliação entre a comunicação pessoal, íntima, que a entrevista de história oral possibilita, e a comunicação social, facultada pelas mídias que difundem conhecimento histórico para um público mais amplo. Em outras ocasiões, a história pública energizou o reconhecimento da polifonia de vozes na geração de interpretações sobre o passado propiciada pela história oral” (Santhiago, 2018, p. 296).

O que foi desenvolvido nessa exposição foi o que a História Pública se propõe a fazer, construindo um saber histórico através das memórias (nesse caso, Revista Espacialidades [online]. 2025, v. 1, n. 1, ISSN 1984-817X



narradas) de sujeitos envolvidos diretamente aos processos analisados (aqui, o de direito à cidade), promovendo uma publicidade de tais saberes em um diálogo entre a Academia e as comunidades. Essa relação de diálogo pode ser compreendida através das reflexões de Michael Frisch (2011a; 2011b; 2016), a partir de um conceito que ele denomina “autoridade compartilhada”. Esse conceito refere-se à ideia de que o processo de construção da história não deve ser controlado apenas por especialistas, como historiadores e acadêmicos, mas deve ser uma colaboração entre esses profissionais e as pessoas cujas histórias estão sendo contadas. Frisch, que desenvolveu esse conceito principalmente no contexto da história oral, argumenta que os entrevistados, comunidades e pessoas envolvidas têm uma voz e uma perspectiva valiosa, e que o trabalho de contar a história deve ser uma troca de conhecimentos e experiências. De forma simples, a autoridade compartilhada sugere que a narrativa histórica deve ser cocriada, permitindo que quem viveu a história participe ativamente do processo de sua preservação e interpretação. Essa abordagem busca democratizar o ato de narrar o passado, reconhecendo que a memória e a interpretação histórica são construídas coletivamente.

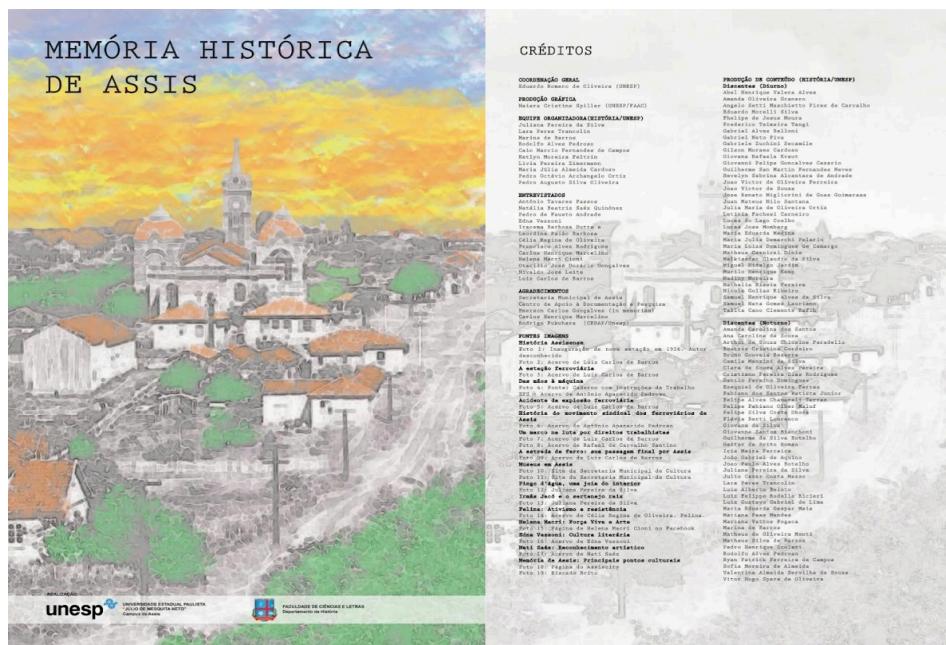




Figura 1: apresentação da exposição (painel 1) e créditos aos envolvidos na produção desse trabalho (painel 2)

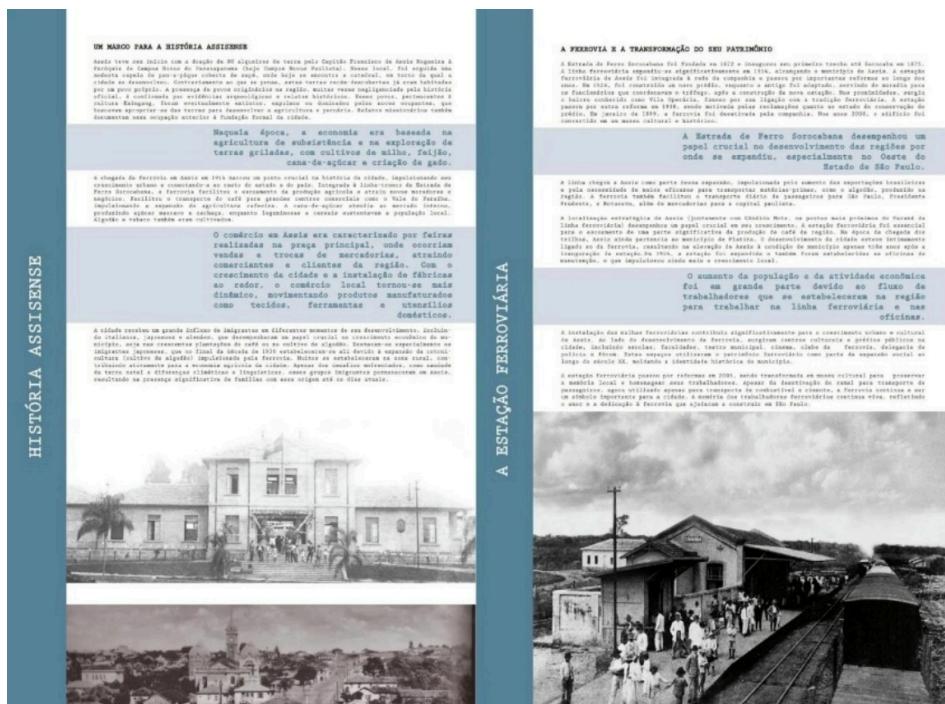


Figura 2: História de Assis (painel 1) e Estação Ferroviária (painel 2)



Figura 3: Museus em Assis (painel 1) e Pontos Culturais (painel 2)

Revista Espacialidades [online]. 2025, v. 1, n. 1, ISSN 1984-817X



PINGO D'ÁGUA, UMA JOIA DO INTERIOR

PINGO D'ÁGUA, UMA JOIA DO INTERIOR
Foto: Arquivo pessoal. Pingo D'Água, nascido em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, em 12 de maio de 1953. Desde cedo demonstrou grande interesse pela música sertaneja e pelas artes, o que acabaria por moldar sua carreira e fazê-lo tornar-se uma figura conhecida no Brasil. Na década de 1970, ainda adolescente, Pingo radicou-se em Aracaju, cidade que se tornaria berço de suas atividades e paixões.

Foi em 1976, na cidade de Aracaju, que Pingo D'Áqua formou-se, depois de aterrávia "Picacá" e "Ango D'Áqua". Em 1981, já com 28 anos, iniciou sua carreira como apresentador na Rádio Diffusora de Aracaju AM - 1140 KHz. Sua carisma e capacidade de se conectar com o público logo o tornaram uma figura popular entre os ouvintes da rádio. Ele também iniciou a carreira na mídia, no rádio, no início do entretenimento, conseguindo-o como um talento promissor no cenário sertanejo.

Quatro anos depois, em 1985, Pingo D'Áqua foi contratado pela Rádio Sociedade Triângulo Mineiro AM - 1450 KHz. Ele fez 1000 shows, voltou a Aracaju e conseguiu a sua apresentação na Rádio Cultura de Aracaju AM - 1450 KHz. No ano seguinte, 1986, Pingo D'Áqua se mudou para o Rio de Janeiro, RJ, continuando a ampliar sua presença no cenário de rádio e na televisão.

Além de suas atividades radiodifusivas, Pingo D'Áqua sempre foi uma figura atuante na comunidade de Aracaju, realizando shows em benefícios de cidades. Isso rendeu consigo uma carreira de artista e proporcionando extensamente ao público local.

Mais últimos anos, Pingo D'Áqua foi convidado a apresentar um programa sertanejo na Rádio FM - 101,9 MHz, que era transmitido para todo o Brasil. Ele aceitou o convite e permaneceu no programa, permitindo-lhe continuar a partilhar a sua paixão pela música com o público ainda mais vasto.

Entre 2010 e 2011, Pingo D'Áqua esteve na Rádio Comunitária Liderança FM - 107,9 MHz em Aracaju, continuando a deixar a sua marca no panorama radiofônico local. Além de sua carreira no rádio e na televisão, Pingo D'Áqua também se destacou no político, concorrendo para a cargo de vereador de 2012 a 2016.

Pingo D'Áqua é conhecido por sua dedicação à música sertaneja e à radiodifusão, conquistando o carinho de seus fãs e criando vínculos de paixão pelo entretenimento. Sua personalidade cativante o tornaram uma figura querida e respeitada. Mesmo aposentado, ele continua a inspirar outros, mostrando que a verdadeira vocação não tem idade e que o amor pela arte pode deixar um legado duradouro.

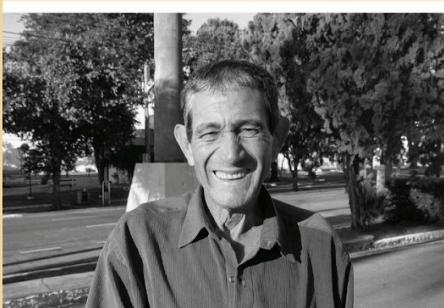


Figura 4: Entrevistados ligados à música sertaneja raiz – Pingo D’Áqua (painei 1) e Irmãs Jacó (painei 1)

FELINA: ATIVISMO E RESISTÊNCIA

Célia Regina de Oliveira, conhecida popularmente como Felina, é uma artista multiartista, que se inseriu no cenário cultural de Aracaju, através de linguagens artísticas, como dança, teatro, círculos, poemas, pinturas e fanfanas. É natural de Santana (PE), oriunda de uma família de cinco irmãos.

Mude-se para Aracaju em sua juventude, na procura de ajuda após apresentar comportamento que intrigava a família e que exigiam alguma diettética paqueta. Não encontrou auxílio na cidade, o que a leva para São Paulo.

Lá, é diagnosticada com uma doença mental e é internada em um hospital psiquiátrico, onde permanece por um bom tempo. A experiência de vida é a de fazer desafios, as paredes da instalação com as unhas na tentativa de escapar, de trancar a porta, de trancar o banheiro, de trancar o quarto.

Após a alta antecipada, iniciada em 1987, vence a crise das Centros de Artes e Criação (CACAs) e é encaminhada para o CAFa de São Paulo, onde passa a ter melhor qualidade de vida, ainda que permanecer internada.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento. Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento "Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

Felina se forma cada vez mais como grande expoente artístico na cidade de Aracaju, conta com participações em curtas-metragens, exposições e eventos, tendo sua arte reconhecida e admirada por todos os espectadores.

Até através de questionamentos e provocações, continua a lutar com fervor pela visibilidade da saúde mental e pela inclusão dos pacientes do CAFa na produção de cultura. Felina é histórica.

FELINA: ATIVISMO E RESISTÊNCIA

Nascida em 1960, é natural de Aracaju, sempre teve um espírito livre e uma alma incógnita. Aos 14 anos, abandonou a tranquilidade rural em busca de sonhos malditos na metrópole de São Paulo. Lá, viveu uma infância dura, lutando para sobreviver, mas sempre com um sorriso no rosto. Quando, em determinado momento, saiu de casa para ir a escola por causas inesperadas.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações

ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento

"Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

SAINDO DAS CORTINAS

"Lembrai, o problema maior não é ser louco, é em acreditar que é só isso!"

HELENA MACRI: FORÇA VIVA E ARTE

HELENA MACRI: FORÇA VIVA E ARTE

Nascida em 1960 nas casas de café da família Macri, em Aracaju, Sergipe, sempre teve um espírito livre e uma alma incógnita. Aos 14 anos, abandonou a tranquilidade rural em busca de sonhos malditos na metrópole de São Paulo. Lá, viveu uma infância dura, lutando para sobreviver, mas sempre com um sorriso no rosto. Quando, em determinado momento, saiu de casa para ir a escola por causas inesperadas.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações

ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento

"Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações

ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento

"Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

SAINDO DAS CORTINAS

"Lembrai, o problema maior não é ser louco, é em acreditar que é só isso!"

HELENA MACRI: FORÇA VIVA E ARTE

Nascida em 1960 nas casas de café da família Macri, em Aracaju, Sergipe, sempre teve um espírito livre e uma alma incógnita. Aos 14 anos, abandonou a tranquilidade rural em busca de sonhos malditos na metrópole de São Paulo. Lá, viveu uma infância dura, lutando para sobreviver, mas sempre com um sorriso no rosto. Quando, em determinado momento, saiu de casa para ir a escola por causas inesperadas.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações

ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento

"Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações

ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento

"Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações

ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento

"Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações

ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento

"Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações

ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento

"Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações

ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento

"Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações

ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento

"Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações

ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento

"Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações

ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento

"Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações

ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento

"Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações

ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento

"Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcerias de CAFa em eventos sociais e apresentações

ocorridas em equipamentos públicos, como o Teatro Municipal e o Cinema Itália-ce, neste ponto, o evento

"Círculo de Dança" é criado, que se torna hoje para seu 11º edição, no Mestrar os talentos dos Unidades de Saúde Mental ao público geral.

Foi durante essas passagens pela "Plataforma Film" que Helena encontra um mentor na figura de seu chefe de produção, o diretor César Lanza, que a orienta para o mundo artístico, lhe ensinando a importância de ser autêntica e honesta.

Após a saída da "Plataforma Film", Helena é contratada para o CAFa de São Paulo, onde trabalha em diversos projetos de teatro, cinema e dança.

Retorna para Aracaju em 2001, onde é reintegrada ao tratamento.

Fazendo parte de um projeto com diversos a docentes das turmas de Psicologia da UNEF, onde desepulta a ideia de ajudar outras pessoas através de ações de arte, que se torna a sua origem para fazer sobre si mesma.

A artista passa então a idealizar a criação de parcer



EDNA VEZZONI: CULTURA LITERÁRIA

A escritora Edna Vezzoni é filha de campesinos, nascida no ano de 1954 em Asaí, interior de São Paulo. É casada com o professor e escritor José Gómez, com quem tem três filhos. A cidade contava com ruas de terra e carreiras e charretes como transporte. Foi neste período que teve início sua paixão pela leitura.

Considerava-se um apelido rebeldia e garrido, com uma eterna sede de leitura, conhecimento e escrita. Mudou para São Paulo aos vinte anos de idade, onde encontrou pertencimento e morado por trinta anos.

Após sua formação em bibliotecárias escolares, mais especificamente em "Tecer Egípcio", abriu uma livraria, que vendeu peças de cera feitas de estofamento. Passando alguns anos na capital, mudou-se novamente para Asaí, onde fundou a Editora Cultural "Edna Silve". Atualmente é sócia da Editora Cultural "Edna Páper". Biblioteca Municipal "Edna Silve" e caminha hoje para seu oitavo livro.

Revela que escreve para deixar seu legado no mundo, a que dedicará toda a sua vida a este ofício. "A escrita é espiritual, é comunicativa e libertadora e só pode ser obtida através de muita pesquisa e leitura.

Vezzoni afirma que seus maiores insights para a escrita aconteceram nos momentos mais importantes possíveis, o que a leva a utilizar de tecnologia, através do celular, para gravar as grandes ideias inspiradoras. Sua obra é composta por romances, ensaios e artigos. Algumas de suas obras publicadas são: "Crônicas do Mundo do Sanduíche"; "A Enrolada"; "Tecendo a Teia da Vida"; "A Fina, A Velha"; "Abraços"; "Ouvir Muitinho de Brumariz"; "Ovozinho de Tecer Egípcio - Apontando"; e "Tecido, Contos e Crônicas".

Edna é um símbolo de resiliência e força. Sua obra, rodeada de elementos mágicos, nos mostram que o caminho do conhecimento é possível, palpável e proporciona bons frutos.

NATI SAÉZ: RECONHECIMENTO ARTÍSTICO

Natila Saéz Díaz Quiñones, conhecida popularmente como Nati Saéz, é uma artista plástica paulistana que nasceu em 1970. A artista é formada em Artes Visuais e Design de Moda, ambos pela UFSC. A presença confirmada em todo o país e no exterior, fazendo shows de rock, sempre na primeira fila, e dançando até a última música. Nati é uma artista que se inspira na cultura popular, especialmente no samba e no rock. Ela também incluiu elementos de suas ascendentes, utilizando de elementos dessas culturas para a composição das telas de suas obras.

No ano de 2006, Nati realizou seu primeiro show de transperme rodoviária, ramos combatia la para a subcultura rock, presta, trouxe a vida agitada da cultura paulista pelo sambódromo do Intendente, onde sua arte pôs a lei máxima respeito ao patrimônio cultural. Nati é casada com o artista plástico e designer de moda, Daniel, com quem teve dois filhos. Casaram-se em 2006. Nati e Daniel se conheceram em 2004, quando o artista plástico veio para Asaí, quando dende o prêmio encontrado com seu marido, trouxeram a família para a cidade de Asaí no ano de 2006.

Compre a realizar pinturas em telas, bancos e outros materiais, percorrendo estradas dos municípios que fazem parte da rota turística da Rodovia Presidente Dutra, que liga São Paulo ao Rio de Janeiro, chamada a realizar uma exposição em Paris e em São Paulo. A artista desenvolve entre diversas exposições a nível nacional e internacional, ganhando prêmios e reconhecimentos artísticos.

Nati Saéz é reconhecida como uma figura de destaque no âmbito cultural assistente, coordenando eventos e projetos sociais ligados à produção artística na cidade.



Figura 6: Entrevistadas ligadas à arte e ensino – Edna Vezzoni (painel 1) e Nati Saéz (painel 2)

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, M. A. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, A. F. A. et. al. (Orgs). **A produção do espaço urbano**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 19-39.
- BARROSO, E. P. Reflexões sobre a velhice: Identidades possíveis no processo de envelhecimento na contemporaneidade. **História Oral**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 9–27, 2021. DOI: 10.51880/ho.v24i1.1128. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1128>. Acesso em: 13 fev. 2024.
- BOBBIO, N. **O tempo da memória:** de senectude e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
- BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. 2º edição. São Paulo: T. A. Queiróz, 1987.
- DEBERT, G. G. **A Reinvindicação da Velhice:** socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 1999.



DOMINGUES, A. R. O Envelhecimento, a Experiência Narrativa e a História Oral: um encontro e algumas experiências. **PSICOLOGIA POLÍTICA**, São Paulo, v. 14. n.31, p. 551-568, set./dez. 2014.

FARRAH, M. Governo local, políticas públicas e novas formas de gestão pública no Brasil. **Organizações e Sociedade**. 7 (17). Abr. 2000.

FRISCH, M. "From A Shared Authority to the Digital Kitchen, and Back". In: ADAIR, B.; FILENE, B.; KOLOSKI, L. (org.) **Letting Go? Sharing Historical Authorityin a User-Generated World**. Philadelphia, PA: The Pew Center for Arts & Heritage, 2011. p. 126-37.

FRISCH, M. 2016. "A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa". In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, J. R.de; SANTHIAGO, R. **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 57-69.

FRISCH, Michael; LAMBERT, David. "Between the Raw and the Cooked in Oral History: Notes from the Kitchen". In: RITCHIE, Don (org.). **The Oxford Handbook of Oral History**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 333-48.

FERNANDES, A.; LIMA, L. M. G.; BARROS. J. Entre apagamento e memória: narrar a cidade hoje. In: FERNANDES, A.; LIMA, L. M. G.; BARROS. J. (Org.). **Cidades: Memórias, Histórias e Narrativas**. Universidade Federal de São Paulo, 2023, p. 7-26.

FIORIN, E; PEREIRA, M. I. F. Assis: Patrimônio ao longo do Antigo Leito Férreo. **Revista Nacional de Gerenciamento das Cidades**, v. 3, n. 15, p. 106-23, 2013.

MAGNANI, J. O (velho e bom) caderno de campo. **Revista Sexta Feira**, n. 01, p. 8-11, mai, 1997.

MOREIRA, M. F. S. **A organização do processo de trabalho: sua dimensão política na Estrada de Ferro Sorocabana (1920 - 1940)**. 1989. pp. 300. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis, 1989.

MOTA, B. M. **A ferrovia no espaço urbano de Assis/SP: da preservação do patrimônio edificado à defesa da paisagem**. 2014. p. 141. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Centro de Ciências Exatas, Ambiental e de Tecnologia da Política, Universidade Católica de Campinas, 2013.

NORA, P. Entre Memória e História – a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, dez. 2003.

PORTELLI, A. História oral: Uma relação dialógica. In: PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2016, p. 9-16.



ROVAI, M. G. de O. **História Pública**: um desafio democrático aos historiadores. In: SIQUEIRA, T. R. et. al. organizadores. Coleção História do Tempo Presente: volume 2 – Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. **História oral na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTHIAGO, R. **História pública e autorreflexividade**: da prescrição ao processo. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 286 - 309, jan./mar. 2018.

SENRA MARINHO DE LIMA, M. C. Cidade, identidade e os lugares de memória. **Revista Unimontes Científica**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 01–11, 2020.